

HISTORIOGRAFIA E MASCULINIDADES GAYS NO BRASIL: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

HISTORIOGRAPHY AND GAYS MALE IN BRAZIL: THEORETICAL CONTRIBUTIONS

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto¹

Jorge Luiz da Silva Alves²

RESUMO: Este texto tem por objetivo refletir sobre a escrita da história e a historiografia sobre as sexualidades, com foco nas sexualidades masculinas dissidentes. Em um momento de delicadas mudanças para a comunidade LGBTI+, esta reflexão nos possibilita estabelecer as bases nas quais historiadoras/es tem se aportado para inscrever as sexo-dissidências na história. Para tal análise, dividimos este texto em duas partes. A primeira estabeleceu a articulação entre os estudos sobre gênero e masculinidades apresentando algumas discussões teóricas acerca dos conceitos e suas aplicações. E por último uma breve reflexão sobre o desenvolvimento do campo no Brasil.

Palavras-chave: História das Homossexualidades; Sexualidades Dissidentes; Teoria Queer.

ABSTRACT: This text aims to reflect on the writing of history and the historiography about sexualities, focusing on dissident male sexualities. In a time of delicate change for LGBTI+ community, this reflection enables us to establish the basis on which historians have come to inscribe sex dissent in history. For such analysis, we have two parts. The first one established the articulation between the studies on gender and masculinities presenting some theoretical discussions about the concepts. And finally a brief reflection on the development of field in Brazil.

Keywords: History of Homosexuality; Dissident Sexualities; Queer Theory.

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Goiás - Goiânia. Graduado em licenciatura História pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Pesquisador do grupo de pesquisa GEPEG da UFG/G e do laboratório de pesquisa LaGED da UFG/C desenvolvendo pesquisas na área da História das Homossexualidades Masculinas no Brasil e na Argentina. Bolsista Santander Iberoamericanas (2017-2018) cursando um semestre na Universidade de Coimbra - Portugal. E-mail: rhaniellypereira@hotmail.com

² Graduado em Licenciatura e Bacharelado em História pela UFG. Atualmente é mestrando em História Global no PPGH da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: jorgeluizdasilvaalves@gmail.com

PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Nos últimos anos, a população LGBTI+ conquistou direitos importantes para o início do fim de uma discriminação histórica. Em 1985, a ação do Grupo Gay da Bahia e do Triângulo Rosa constituiu-se fundamental para a tentativa de incorporação das discriminações de “orientação sexual” para a futura Constituição de 1988. Entretanto, apesar dos esforços de ativistas, como Luiz Mott e João Antônio Mascarenhas, as condições históricas daquele momento estabeleceram uma derrota expressiva.

Neste ano, após muitos esforços, a criminalização da lgbtfobia foi de fato julgada e reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal. Porém, apesar de tal vitória, a condição social da população LGBTI+ continua delicada para grande parte dos sujeitos da sopa de letrinhas, que tem, de fato, tangenciadas especificações de classe, raça e de hierarquizações próprias daquilo que é mais ou menos aceitável em uma sociedade heterocentrada.

Tais mudanças sociais são sentidas na academia, uma vez que, à medida que a sociedade se modifica, novas questões são colocadas. Nesta virada da década, torna-se necessário compreender como estes novos movimentos têm sido percebido na academia. No que diz respeito às questões relacionadas à historiografia, é preciso compreender que essas mudanças são mais lentas do que esperamos. De maneira geral, sabemos que o campo da História das Homossexualidades acompanhou o desenvolvimento dessas mudanças históricas, isto é, na mesma medida que os movimentos promovem sua ação no mundo público estes também promovem alguma mudança no pensar historicamente.

Nesse sentido, nosso desafio aqui é estabelecer uma breve discussão sobre as inovações teóricas, a expansão e as problematizações mais comuns que se estabelecem neste recente campo da história que emergiu ao mesmo tempo que os movimentos LGBTI+._Nossa primeira seção do texto observa os impactos dos estudos de gênero, masculinidades frente às mudanças historiográficas do século XX. Na segunda sessão, serão discutidas as expansões do campo e uma breve leitura sobre as abordagens construídas através de uma discussão interdisciplinar. Tais categorias históricas são aqui incorporadas na perspectiva de repensar os efeitos de uma historiografia que se modifica ao longo das questões que, sobretudo, são colocadas pelos movimentos sociais; sejam eles *queers* ou LGBTI+.

GÊNERO E MASCULINIDADES: PENSANDO CAMPOS TEÓRICOS

Antes da constituição da categoria gênero, já era apontado pelas pesquisadoras feministas que a história das mulheres (PERROT, 2007) exigiria um reexame crítico dos fundamentos epistemológicos da ciência da História; não se limitando a apenas propor novos temas, mas incluindo novas categorias no debate, o que faria com que gênero fosse tratado como uma categoria de análise histórica. Enquanto campo de estudos interdisciplinares, os estudos de gênero, que possuem sua gênese no movimento feminista, procuram compreender as relações e construções de gênero vigentes em nossa sociedade, estruturantes de relações de poder coletivas e individuais.

Nesse contexto, a partir de meados da década de 1970, desenvolve-se a utilização da categoria gênero pelas teóricas feministas (ALMEIDA, 1998, PEDRO, 2008, SCOTT, 1995). O termo passa a explicar a construção social de atributos de homens e mulheres como algo tecido e reconstruído durante toda a vida, levando a diferentes vivências das relações entre os indivíduos em aspectos diversos. A partir disso, o uso da categoria gênero constituiu-se em um dos aspectos da busca por legitimidade no âmbito acadêmico para os estudos feministas nos anos 1980.

Nesse mesmo período, entre as décadas de 1960 e 1970, as questões da identidade e da diferença tiveram uma importância inegável³. A imprensa feminista, por exemplo, foi um reflexo da abertura de espaços de expressão institucional que esse debate proporcionou, além de outras áreas de conhecimento. Dessa maneira, o debate subsequente foi em torno do binarismo, que durante muito tempo permeou o debate sobre gênero e sexo. Em várias versões das teorias feministas, tentou-se articular a especificidade da opressão masculina e a submissão feminina em contextos culturais marcados pelas distinções entre sexo e gênero.

O conceito de diferença foi a base de boa parte da teoria multicultural feminista nos EUA no final dos anos 1980⁴. O conceito de gênero chegou até os estudos brasileiros, por meio das pesquisadoras estadunidenses, que passaram a usar a categoria "gender" para falar das "origens sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres". (GROSSI, 1998, p.4). Dentre as pesquisadoras estadunidenses de maior influência no cenário acadêmico brasileiro, vale ressaltar

³ Esse debate foi recorrente na prática teórica feminista da década de 60, 70 e meados de 80, no entanto é perceptível uma diluição deste veto que vai acarretar o início de uma densa produção acerca da masculinidade e suas vulnerabilidades sociais, políticas, econômicas e culturais. No entanto, esse movimento teórico será solidificado principalmente na Europa e nos EUA, enquanto na América Latina o enfoque sobre masculinidades terá maiores dificuldades em seu desenvolvimento.

⁴ Para um detalhamento maior sobre o debate ver: BOTTON, 2007; CONNELL, 2013; GIFFIN, 2005.

Joan Scott, cujo artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado originalmente em 1986, teve sua primeira tradução no Brasil, em 1990; tornando-se rapidamente referência obrigatória para o debate.

A partir desse momento, o gênero vai se configurando cada vez mais como um novo tema no cenário da pesquisa acadêmica nas ciências humanas; no entanto, não possuía uma teoria/metodologia analítica capaz de transpor as barreiras dos paradigmas que dominavam essas ciências. Logo, o desafio teórico colocado diante dessa categoria era o de construir sua própria maneira analítica. De acordo com Scott (1995), isso exigiria, no campo da História, uma análise para além da relação entre a história passada e as práticas no presente.

Dessa maneira, devemos ir além do próprio gênero para entendê-lo, pois ele é somente um dos componentes da estrutura social. Os significados, as normatizações, as configurações de poder entre os sexos e entre outros elementos que variam de acordo com as culturas, a religião, a economia, as raças, as classes sociais e os momentos históricos. Esses significados, práticas e configurações de poder edificam redes de significações que se formam e se relacionam integralmente. Tais relações revelam as contradições e os conflitos existentes entre os sexos e as suas práticas. (ALMEIDA, 1998; RABELO, 2010).

Logo, ir além do gênero significa também falar em sexualidade, que se afirma cada vez mais como um objeto importante na compreensão dos possíveis significados das relações humanas. Nesse sentido, torna-se imperioso interpretar ideias, discursos e acontecimentos, com o objetivo de entender as relações homem-mulher no passado, para que então as práticas presentes sejam analisadas com vistas a possíveis interferências. As relações entre homens e mulheres compõem as relações de gênero. Quando falamos em sexualidade, referimo-nos às construções culturais acerca da diferenciação sexual, o que envolve características distintas como anatomia, desejo e ato sexual (FOUCAULT, 1988).

Um dos principais desafios dos estudos e pesquisas sobre a sexualidade é compor um retrato panorâmico de sua polissemia, pois, mesmo sendo uma noção bastante conhecida, ela ainda se encontra aberta a novos sentidos, que variam de acordo com diferentes contextos e situações; o que torna a pretensão de historiar ou dissecar esse tema, em sua ilimitada abrangência, uma tarefa difícil (CURADO, 2015, p. 604).

Apesar de ser objeto de análise frequente nas análises sociológicas (HEILBORN, 2006), a sexualidade ainda possui fragilidades no que diz respeito a sua metodologia de análise e suas aplicações. Essas fragilidades metodológicas podem ser atribuídas à falta de entendimento do corpo

como espaço de construção biopolítica, no qual as tecnologias da sexualidade atuam de forma contínua sobre os indivíduos, mas não sem sua resistência. Logo, urge entender que a esfera da sexualidade também tem sua política interna, desigualdades e modos de opressão. (PRECIADO, 2017; RUBIN, 2017).

A perspectiva de gênero, adotada por volta dos anos 1980, levará a uma compreensão relacional em que as representações do feminino estão entrelaçadas às representações do masculino; pois mulheres e homens encontram-se em vários universos sociais, estabelecendo relações construídas a partir de representações sociais coletivas compartilhadas e perpetuadas por ambos nesses espaços. Logo, não é apenas o homem enquanto "sexo dominante" que impõe o seu domínio sobre a mulher; ambos os sexos compartilham e reproduzem determinados valores. Todavia entendemos que homens e mulheres são engendrados por um modo dominante de viver e pensar, e este é masculino. (AMÂNCIO, 1998; BASSANEZI, 1996).

Joan Scott expõe que tanto o "sujeito" quanto a "organização social" são igualmente importantes para entender a construção do gênero e a incidência de mudanças, visto que a subjetividade forma-se em contextos históricos e sociais. Para ela, isso significa que é necessário substituir a noção de um poder social unificado, pela de um poder mais próximo do conceito foucaultiano, o qual deixa mais espaço para construir uma identidade, uma vida, uma sociedade com certos limites e com uma linguagem, que "põe limites e contém a possibilidade de negociação, de intenção metafórica e de imaginação" (SCOTT, 1995, p.14).

Não se deve, pois, interligar, pura e simplesmente, o gênero e a biologia. O gênero é uma prática social que se refere aos corpos, mas não se reduz a eles, pois o gênero existe na medida em que a biologia não determina o social. Nessa perspectiva, gênero serve para determinar tudo o que é cultural, social e historicamente determinado por normatizações impostas sobre corpos sexuados. (CONNELL, 2013; SCOTT, 1995).

Nesse contexto, abre-se a partir daqui um espaço voltado para a reflexão sobre a construção social dos gêneros, questionando seus padrões, até então pensados como "naturais". Esta diferenciação é fundamental para a compreensão da masculinidade, uma vez que esta também passou a ser compreendida e entendida como uma construção social. Connell (2013) aponta que, embora a noção do provedor masculino seja historicamente datada, os estudos de gênero sobre os homens, nos anos 1970, universalizaram-na, supondo que esta noção sempre foi uma parte central do ser masculino.

Durante muito tempo, os homens foram inseridos nos estudos segundo esse modelo, repetidamente chamado de patriarcal. Dentro dele, o homem era considerado dominador e visto como universalizado, a partir de um poder que o definia como homem com "H" maiúsculo. Ao mesmo tempo, esse modelo relacionava a mulher às emoções e ao mundo privado, considerada dependente, obediente, entre outros aspectos. No entanto, esses estudos, ao tratarem os homens como opressores e as mulheres como oprimidas, estavam reproduzindo o que eles mais criticavam: o binarismo, ainda que através da forma de um poder específico.

Dada a frequente experiência feminina com a dominação masculina, a entrada dos homens no debate teórico a respeito das questões de gênero, foi vetada inicialmente. No entanto, houve um grande contraste entre o veto da participação masculina nas discussões e a atenção dada ao poder masculino nas análises que se seguiram nos estudos de gênero realizados por mulheres⁵.

Embora os estudos que focalizam o homem como objeto de pesquisa estejam consolidados na Europa e nos Estados Unidos, foi só a partir dos anos 1980 que se fizeram presentes na América Latina. No Brasil, causando certo alvoroço, irá se constituir enquanto um campo de pesquisa a partir da década de 1990, mantendo-se no início do século XXI⁶.

Nesses estudos, a masculinidade, compreendida nos moldes biológicos, não se faz mais presente, sendo percebida como uma construção sociocultural e histórica. A partir disso, percebemos como as relações entre homens e mulheres não são embates entre grupos homogêneos. Isso é percebido na medida em que grupos específicos habitam posições de poder e constroem sua hegemonia a partir de uma ampla luta social, legitimando e reproduzindo as relações que resultam em opressão. (ALVES, 2005).

A masculinidade é uma construção social que varia em diferentes culturas, através do tempo. Seu significado também modifica-se ao longo da trajetória de diferentes homens. (KIMMEL *apud* ALVES, 2005). O conceito de masculinidade hegemônica, cunhado por Raewyn Connell, foi um dos principais catalisadores responsáveis por mostrar como uma pluralidade de masculinidades, estruturadas em torno das categorias de classe, geração, raça e expressão sexual, transitam nas

⁵ Esse debate foi recorrente na prática teórica feminista da década de 60, 70 e meados de 80, no entanto é perceptível uma diluição deste veto que vai acarretar o início de uma densa produção acerca da masculinidade e suas vulnerabilidades sociais, políticas, econômicas e culturais. No entanto, esse movimento teórico será solidificado principalmente na Europa e nos EUA, enquanto na América Latina o enfoque sobre masculinidades terá maiores dificuldades em seu desenvolvimento. Para um detalhamento maior sobre o debate ver: BOTTON, 2007; CONNELL, 2013; GIFFIN, 2005.

⁶ O surgimento e eclosão desses estudos segundo vários autores mantém em grande medida relação com a modificação do lugar da mulher nas sociedades ocidentais, que provocaria um questionamento de padrões tradicionais de masculinidade. Está de modo mais ou menos explícito em sua maioria, a ideia de que há uma crise que envolve a vida pessoal dos homens em função dos papéis que desempenham, como querem alguns autores, ou mais direcionada à própria estrutura do modelo patriarcal, constantemente questionado, como querem outros. (ALVES, 2005, p. 2).

relações de poder estabelecidas⁷, situando as diferenças - distintos homens em distintos lugares - perante a dominação, que resulta em opressão⁸.

Se enquanto construções sociais as discussões sobre o gênero, a opressão feminina, a dominação social masculina, a sexualidade e a própria masculinidade foram edificadas no final da década de 1980; enquanto campo teórico de pesquisa historiográfica, ganharam notoriedade na historiografia nacional a partir da década de 1990, levando a construção de um vasto campo de produções que permitem um processo de historicidade extenso, como vimos anteriormente; o que não aconteceu com estudos sobre a homossexualidade.

A partir dessas produções, várias foram as ramificações e estudos perpendiculares, que surgiram com o intuito de trabalhar a homossexualidade como um campo teórico repleto de possibilidades. No entanto, é visível que no decorrer de quase três décadas, a História tem se mantido à margem das produções que englobam a homossexualidade e suas extensões.

Várias pesquisas foram e são produzidas dentro das humanidades; no entanto, os regimes historiográficos ainda mantêm a história das homossexualidades em um não lugar. Apesar de haver um movimento para a retirada do véu que cobre a historicidade das homossexualidades, a operação historiográfica ainda não exumou os corpos dissidentes.

MEMÓRIAS INVISÍVEIS: O CASO BRASILEIRO

Como vimos até aqui, a homossexualidade masculina aos poucos tem se tornado um tema em debate pela historiografia. O interesse sobre tal temática só se tornou possível uma vez que os movimentos feministas no Brasil iniciaram, ainda na década de 70 do último século, debates sobre a liberalização sexual e a autonomia do corpo. Hoje, podemos reconhecer que o debate sobre as

⁷ As hierarquias constituídas no interior das masculinidades foi objeto de suma importância para a elaboração do conceito de masculinidade hegemônica cunhado por Raewyn Connell, que utilizou o conceito gramsciano de hegemonia para explicitar a pluralidade de masculinidades dentro de um espectro que possui um modelo hegemônico e inalcançável. Vários trabalhos vão se debruçar sobre o conceito de masculinidade hegemônica buscando entender o advento de uma crise da masculinidade e a reconfiguração dessa masculinidade a partir de uma pluralidade que marca a mesma na contemporaneidade. Nesse sentido, o olhar para as masculinidades agora se volta cada vez mais para os marcadores de gênero, classe, raça, geração e mais recentemente a sexualidade. A metrosexualidade é um ótimo exemplo sobre a mudança nas lentes analíticas que vem sendo colocadas sobre as masculinidades como objeto de pesquisa histórica. Para um aprofundamento maior sobre a dialética das masculinidades, as reconfigurações e a metrosexualidade ver: ALVES, Jorge Luiz da Silva. Masculinidades em (re) vista: construções e desconstruções na revista GQ Brasil (2013-2015). Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2016.

⁸ “Em sintonia com algumas críticas pós-estruturalistas e pós-modernistas, levantaram-se questionamentos quanto à universalidade desta supremacia masculina declarada, uma vez que se encontravam diversas incompatibilidades entre os modelos de poder masculino e a vivência de inúmeros homens.” (BOTTON, 2007, p.114).

sexualidades dissidentes e identidades de gênero rompem alguns silêncios com a Clio e elencam novos regimes de visibilidade quanto à história da comunidade LGBTI+⁹.

Tais rompimentos iniciaram um novo ciclo de novos regimes de visibilidade. Estes foram possíveis graças à interferência teórica da episteme feminista, como já dissemos anteriormente, mas também pela luta iniciada, em 1978, pelo nascente movimento homossexual no Brasil e, posteriormente, com o firmamento do movimento LGBTI+. Aqui, o que é preciso compreender é que, apesar da grande contribuição do campo da História das Mulheres, e posteriormente dos estudos de gênero, o caminho para o rompimento do silêncio sobre as sexualidades dissidências só rompeu-se quando pessoas LGBTI+, tomadas de um certo orgulho por quem são, entraram na academia e, por fim, na historiografia.

As chamadas homossexualidades, como alguns autores¹⁰ elencam, tiveram, sobretudo, influência de outras áreas do conhecimento, já que a historiografia tem, ao longo do tempo, efetuado “escolhas políticas, implicadas no fazer histórico, que, ao eleger determinados temas – eleição política - deixavam de lado outros temas, outros sujeitos e outras histórias” (VERAS; PEDRO, 2014, p.96). A aproximação de campos, como a antropologia e as outras ciências sociais, foram então, aos poucos, incorporadas por historiadoras/es que mergulharam no debate sobre as sexualidades.

No Brasil, esses primeiros trabalhos estiveram relacionados à produção de Edward MacRae (1990), Peter Fry (1985), Carmem Guimarães (1977), especificamente quanto à homossexualidade. Enquanto isso, trabalhos sobre sodomia, uma outra homoerótica desviante no Brasil Colônia e Império, estiveram sob influência da leitura de Luiz Mott (2010). Ambos os trabalhos, iniciados ainda no fim da década de 80, demarcaram um terreno fértil para historiadoras/es.

Já na década de 90, os primeiros trabalhos historiográficos começaram a surgir e apresentaram um deslocamento sensível da abordagem ainda hegemônica no período, o campo da

⁹ Boa parte dos estudos sobre as sexualidades dissidentes no Brasil tem uma maior incidência, no que dizem respeito, as homossexualidades masculinas. Entretanto, tal como mencionam Elias Ferreira Veras e Joana Maira Pedro, este quadro tem sido revertido e as aproximações entre as existências trans e lésbicas parecem ter ganhado força após 2010. Aqui nós estaremos ao longo do tempo nos detendo a produção sobre as homossexualidades masculinas. Ver: VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v.6, n.13, p.90-109, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em 2 jan. 2019.

¹⁰ Aqui estamos chamando de homossexualidades, um conjunto de homoeróticas a partir do início do século XIX. Uma maior definição sobre os campos das homossexualidades pode ser vista ainda nos trabalhos de :NETTO, Miguel Rodrigues de Sousa. *Homoerotismo no Brasil Contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011; NETTO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. *História e Teoria Queer*. Campo Grande: Ed: Devires, 2018.; GREEN, James. *Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

História Social. Dentre tais produções, podemos destacar o trabalho de Claudio Roberto da Silva (1998), que recuperou, através de entrevistas, a trajetória da primeira geração de ativistas homossexuais, que fundaram o jornal Lampião da Esquina¹¹ e o grupo SOMOS¹².

O trabalho de Silva (1998) tornou-se pioneiro, uma vez que foi a primeira dissertação de mestrado, dentro da área da história, a abordar de forma frontal o surgimento do popular jornal gay do fim dos anos 1970. A sua escrita deu-se através da formação de redes¹³ de entrevistados que cobriram de uma forma geral os aspectos de fundação, escrita, recepção e distribuição do jornal, além de demonstrar a relação entre o surgimento do Lampião da Esquina e o impacto deste na vida dos entrevistados.

O grande problema desse primeiro trabalho está em sua qualidade analítica e descritiva de todo o processo em volta da criação do jornal. O aspecto descritivo tomado pelo processo de entrevista foi incorporado, muitas vezes ao longo do texto, como um testemunho, afastando a análise e a reflexão da própria produção das narrativas dos interlocutores de Silva. Apesar de seu pioneirismo, a ausência de uma crítica às fontes coloca o seu trabalho menos proveitoso, frente à riqueza apresentada nas entrevistas.

Apesar desses problemas, o trabalho de Silva abriu espaço para que um grande número de produções sobre o Lampião da Esquina surgisse nos anos posteriores. Entretanto, um dos marcos fundacionais da História das Homossexualidades no Brasil está, sobretudo, na extensa e densa pesquisa do brasileiro James Naylor Green, que, também, a partir de uma dupla ação, acadêmica e militante, descreveu os espaços, as sociabilidades, as perseguições e resistências de sujeitos que

¹¹ O Lampião da Esquina, foi o primeiro jornal alternativo desenvolvido através de uma proposta política recorrente no pensamento das movimentações homossexuais a partir de 1978. Criado através de intelectuais e artistas, o jornal veiculou uma proposta de fala sobre a homossexualidade que se interliga ao internacional Gay Power. Entre 1978 e 1981 37 edições foram produzidas recuperando além das temáticas relacionados ao gueto gay, o debate com o movimento feminista, movimento negro e a pauta ecológica. Para além das discussões sobre os temas mais caros colocados a luz de um regime civil-militar o Lampião da Esquina teve um papel fundamental, dentro da primeira geração de ativistas, em estabelecer críticas a velha esquerda. Ver: PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. Estourando a bolha: o cotidiano LGBT entre identidades, violências e resistências no jornal o Lampião da Esquina 1978-1981. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2018.

¹² Meses após a formação do jornal Lampião da Esquina, um grupo de ativistas paulistas fundaram o primeiro grupo político de discussão sobre a homossexualidade na perspectiva de desenvolver uma dupla resistência que se deu através da luta contra o sistema ditatorial e pela liberalização sexual. Ver: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990; SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. *Sexualidade homossexual no jornal Lampião da Esquina*. Transversos. Rio de Janeiro, n.14, p.165-186, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39336>. Acesso em: 2 dez. 2019; SWAIN, Tânia Navarro. *Desfazendo o “natural”*: a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. Bagoas, Natal, n.05, p.44-55, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310>. Acesso em 2 dez. 2019.

¹³ Essas redes se estabeleceram a partir de um ponto zero. Como o autor coloca o ponto de partida fora João Silvério Trevisan “pois o colaborador contou, com riqueza de detalhes as experiências que viveu tanto individualmente quanto em nível coletivo. É preciso esclarecer, também esta caracterização não se deve apenas ao fato de João Silvério Trevisan indicar os próximos entrevistados, mas ele sugere a história de um grupo”. (SILVA, 1998, p.198)

viviam sua homossexualidade durante todo o século XX, em sua clássica obra *Além do Carnaval* (2000).

A produção de Green estende-se pela primeira e segunda década do século XXI¹⁴. Nesse período, uma mudança mais profunda na historiografia parece ser delimitada. Se anteriormente, no fim da década de 90, apenas uma dissertação sobre a homossexualidade fazia-se presente no campo historiográfico, essas condições iriam mais tarde se modificar. E aqui, a narrativa do acontecimento torna-se necessária para compreendermos essa modificação. Podemos destacar como o desenvolvimento dessa historiografia, nos últimos 19 anos, a partir proliferação de estudos sobre a narrativa genealógica do movimento homossexual no Brasil e também através dos estudos sobre as múltiplas trajetórias inseridas em tal movimento. Como mencionamos anteriormente, o jornal *Lampião da Esquina*, que foi foco da primeira pesquisa, tornou-se nos últimos anos uma fonte de análise privilegiada entre historiadoras /es.

Houve nos últimos anos um aumento exponencial na produção historiográfica, utilizando o jornal *Lampião da Esquina* como fonte histórica primária. Atravessando inúmeras problemáticas, a partir dos anos 2000, a semente plantada por Claudio Roberto Silva se diversificaria : as dissertações de Marcio Leopoldo Gomes Bandeira (2006)¹⁵, Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso (2015)¹⁶, Marciano Vieira de Andrade (2015)¹⁷, Mariana Quadros Gimenez (2015)¹⁸, Paulo Roberto Souto Maior Júnior (2015)¹⁹, Daniel Henrique de Oliveira Silva (2016)²⁰, Alexandre Magno Maciel Costa e

¹⁴ Ver: GREEN, James N; QUINALHA, Renan (Orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão resistência e a busca da verdade*. São Carlos; Editora da UFSCar, 2014; GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006; GREEN, James; TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

¹⁵ O trabalho de Bandeira tratou de investigar a potencialidade da epistolografia lampiônica. O historiador utilizou-se da seção: *Cartas na Mesa* para delimitar as diversas funções e os diversos significados promovidos através da interlocução entre colaboradores do jornal e outros leitores. Bandeira constata que ali é possível perceber o processo de formação de alianças com outros grupos de minorias e também caracterizar o processo de negociação do “assumir-se” homossexual.

¹⁶ Mariusso concentra seus esforços em estabelecer as formas de violência que ao longo das 37 edições o jornal tratou de denunciar. Aqui, o autor apresenta a historicidade do jornal, a forma como a homossexualidade masculina é tratada pelos órgãos da grande imprensa e também como as inúmeras violências se manifestaram nas páginas do jornal em forma de denúncia.

¹⁷ O autor utilizou-se do jornal para demonstrar as perspectivas políticas por trás do projeto editorial do periódico discutindo, portanto, as tensões entre o jornal, o movimento homossexual contemporâneo a ele, assim como outros movimentos de minoria.

¹⁸ Gimenez empreendeu uma discussão sobre as relações de memória, identidade e representações por meio do jornal tentando compreender as formas nas quais homossexuais masculinos eram descritos ao longo dos números, ao mesmo tempo que compreendia e interpretava o jornal como um lugar de memória rico para o campo das homossexualidades na História.

¹⁹ O trabalho de Souto Maior Júnior empreende uma outra dinâmica analítica com um tema que aparece transversalmente as outras dissertações sobre o *Lampião da Esquina*. O “assumir-se” homossexual é interpretado por ele a partir do periódico como o efeito de um dispositivo da sexualidade sendo, portanto, denominado como uma espécie de normatização da redefinição do quadro social da homossexualidade masculina.

²⁰ Oliveira Silva utilizou o *Lampião* para compreender como se deram as lutas feministas no jornal e a relação destas pautas e a participação das mulheres dentro do jornal. O foco do historiador estendeu-se a analisar a forma como o jornal cobriu os eventos dos movimentos de mulheres e feministas naqueles anos.

Brito²¹ (2016), Ronielyssom Cezar Souza Pereira²² (2017) vieram ampliando o “quadro interpretativo, propondo novas questões, novos recortes e métodos e, principalmente, colocando no primeiro plano da escrita da história, experiências e identidades até então silenciadas.” (SILVA; RUBIO, 2018, p.167).

Esses e outros trabalhos²³ têm se multiplicado nos últimos anos, trazendo novos olhares e outros questionamentos para o jornal. Essa exponencial multiplicação de artigos, dissertações e teses dão-se principalmente após 2012. E aqui argumentamos que o acesso à fonte talvez seja um dos pontos fundamentais que justificam o aumento da produção. Mesmo que a publicação de Elaine Marques Zannata, em 1996, tivesse divulgado a documentação do movimento homossexual no Brasil, radicado no Arquivo Edgard Leunroth, só a partir da segunda década do século XXI o acesso de fato tornou-se facilitado.

A doação feita por Luiz Mott ao Grupo Dignidade tornou-se o marco efetivo de acesso público ao Lampião da Esquina. Por meio da doação, o grupo digitalizou, em alta qualidade, todas as edições do jornal, disponibilizando de forma gratuita, na internet, todos seus números. O acesso à documentação e o crescente debate sobre o período ditatorial e os direitos das minorias tornaram o pano de fundo motor dessa ampliação historiográfica.

Como mencionam os autores, a História das homossexualidades tem, nestes últimos anos, repensado e reinterpretado não só o Lampião da Esquina como também outras fontes recorrentes, bem como outras temporalidades, que escapam o período de formação do movimento homossexual e se expandem para efeitos de outras homoeróticas. É nesse rizoma, que tais sujeitos, desviantes da norma, têm desenvolvido o campo.

Essa empreitada pode ser vista nos trabalhos de Benjamin Cowan²⁴ (2016), que refletiu em *Securing sex: morality and repression in the making of Cold War Brazil* o processo de classificação

²¹ Brito também foca a sua análise na relação de produção e reprodução de violências utilizando o jornal para compreender especificamente a condição das mulheres lésbicas e travestis. O trabalho do historiador opta por fugir das temáticas frequentemente analisadas dentro do jornal capitando as lateralidades discursivas presente na linha editorial e em seções de leitura específicas dentro do Lampião.

²² A pesquisa de Ronielyssom foca em interpretar as produções discursivas sobre a identidade homossexual que naquele tempo era denominada como “bicha” ou “louca” e das travestis. Neste trabalho é possível ver o processo de hierarquização social intragrupo.

²³ Butturi Júnior (2012), Ferreira (2012), Pinto e Freitas (2017) demonstraram o processo de emergência do jornal e os discursos de redefinição social da homossexualidade como um projeto do jornal. Mariusso (2013) discutiu sobre os discursos religiosos e a crítica lampiônica, Mosqueira (2013) evidenciou os discursos sobre o corpo e o “feminino”. E ainda outros inúmeros outros trabalhos tem surgido explorando não só temáticas distintas como também outros sujeitos como as travestis e transexuais.

²⁴ O historiador brasileiro ainda possui outros trabalhos ver: COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. Ditadura e Homossexualidades. São Carlos: Ufscar, 2018, p.27-52; COWAN, Benjamin. A passive homosexual element: digitized and policing of homosex in Cold War Brasil. *Radical History Reviews*, v.4, n.120, p.183-203, 2014. Disponível em: https://read.dukeupress.edu/radical-history-review/article-abstract/2014/120/183/73_322/A-Passive-Homosexual-Element-Digitized-Archives. Acesso em 12 dez. 2019; COWAN, Benjamin. Why hasn't this teacher been shot? Moral-sexual panic, the repressive right, and Brazil's National Security State. *Hispanic American*

da homossexualidade como um elemento subversivo e comunista na Doutrina de Segurança Nacional, inserida no contexto da Guerra Fria. Trabalhos como o de Benito Bisso Schmidt (2018) e de James Naylor Green (2018) têm recuperado a trajetória de militantes homossexuais em um momento posterior a primeira geração de ativistas, colocando em evidência a dura realidade da dupla militância como homossexuais de esquerda em um período de redemocratização. Ambos os historiadores recuperam as biografias e colocam questões fundamentais na relação da inscrição das subjetividades de caráter dissidente e os desafios desses sujeitos em uma sociedade ainda marcada pelo forte preconceito, em tempos de epidemia da AIDS no Brasil.

Dentre outras questões, colocamos aqui a importância do efeito Foucault na historiografia²⁵. Sabe-se, de forma geral, que sua interpretação sobre o sexo e a sexualidade rompe com aquelas leituras que se intercambiavam através da repressão como chave recorrente de análise. O impacto de *A Vontade de Saber* (1988) nos auxilia a compreender outras circularidades e sistematizações em torno desses sujeitos históricos, uma vez que o dispositivo da sexualidade nos auxilia a compreender a interferência de um:

[...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2017, p.264)

Incorporada a ideia da existência de um dispositivo da sexualidade, as relações de poder podem ser observadas e cruzadas naquilo que se convencionou relacionar, historicamente, como uma unidade²⁶. Dessa forma, os trabalhos acima elencados têm, sobretudo, auxiliado um repensar histórico sobre como diferentes corpos estabelecem, escrevem e inscrevem²⁷ suas identidades mediante a um complexo jogo evidenciado nas relações de poder.

Historical Review, v.92, n.3, p.403-436, 2012. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article-abstract/92/3/403/10682/Why-Hasn-t-This-Teacher-Been-Shot-Moral-Sexual?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em 10 dez. 2019.

²⁵ Margareth Rago em seu texto “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”, 1995, analisa o surgimento de novas categorias e novas formas de interpretar o passado através dos conceitos elaborados por Foucault. Entre as inúmeras contribuições a autora destaca por exemplo o desenvolvimento da “categoria de gênero, conceitualizada por uma historiadora que também vinha da história social, Joan Wallasch Scott (1988)” (RAGO, 1995, p.80). A categoria de Scott como bem destaca a autora tem como base a interpretação de Foucault sobre os dispositivos disciplinares e a concepção de poder.

²⁶ O dispositivo da sexualidade tornou-se uma importante ferramenta no processo de fixação da heterossexualidade como uma norma a ser seguida. Dentro de uma lógica do sistema sexo/gênero (RUBIN, 2017), este sistema teve suas ferramentas coercitivas aprofundadas através do século XIX, momento no qual uma biopolítica (FOUCAULT, 2017), passou a interferir de fato nos conjuntos que estabeleceram genealogias da essencialização do gênero e da sexualidade.

²⁷ Utilizo aqui as expressões de escrita e inscrita para elencar a perspectiva de Preciado ao conceber o corpo como “um texto socialmente construído, um arquivo orgânico da humanidade como história da produção-reprodução sexual, na qual certos códigos se naturalizam, outros ficam elípticos e outros são sistematicamente eliminados ou riscados.” (PRECIADO, 2014, p.26)

Os recentes trabalhos de Souto Maior Jr. (2015) têm nos possibilitado interpretar o processo de desenvolvimento de uma identidade política acerca da homossexualidade que estabelece, entre outras características, um orgulho de si baseado num mecanismo sofisticado de confissão, uma convenção historicamente construída que permite a invenção das homossexualidades sob a égide da “saída do armário”. Tal processo nos permite compreender como o “assumir-se” tornou-se uma

[...] categoria estruturante e um dispositivo que moveu e move as subjetividades de muitos homossexuais em todo o país, principalmente por se sentirem pressionados a afirmar sua sexualidade. O assumir-se é um acontecimento histórico, sua emergência é datada num espaço e tempo. É, portanto, uma construção que atende determinados objetivos. (SOUTO MAIOR JR., 2015, p.177)

Reconhecer as subjetividades que atravessam a invenção das homossexualidades masculinas parece ter desenhado, ao longo desses últimos 19 anos, uma espécie de cartografia sobre a emergência da condição desses sujeitos de dentro para fora de um gueto. A publicização sobre tal discussão parece ter rompido, de fato, com as relações de invisibilidade que anos antes impossibilitou uma envergadura teórica e metodológica na história destes sujeitos.

Por outro lado, outras contribuições vêm realinhando e transformando essa malha de complexas relações. Se ainda nos anos 2000 a homossexualidade ganhava espaço, outros regimes de visibilidade parecem ganhar força com o emprego da Teoria *Queer*, como uma espécie de metodologia que rompe, sobretudo, com o aspecto e a subdivisão social, através de um binarismo entre homo/hetero e homem/mulher.

[...] a abordagem queer não sugere, no campo da história, somente a inserção das experiências abjetas, a reconfiguração da categoria gênero ou a análise desconstrutivista dos dispositivos da sexualidade. Uma escrita da história que leve em conta tal perspectiva acena para uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos de classificação e exclusão. (VERAS; PEDRO, 2014, p.104)

O contributo da teoria *queer* para a historiografia faz com que esta se veja na condição de um campo severamente instável. Tal instabilidade inscreve-se a partir das narrativas políticas vitoriosas, que levaram à invisibilidade histórica dos chamados sujeitos abjetos. Para além de inscrever esses sujeitos e colocá-los também como históricos é possível perceber, dentre outras características, a capacidade de reconhecimento de que o discurso da historiografia ocidental e, por conseguinte, brasileira é demarcado por uma díade, nas quais sujeitos que ousam estar fora do binarismo são punidos pelo esquecimento.

Este movimento teórico tem produzido inúmeros avanços quanto à inserção de outros sujeitos para além dos homossexuais masculinos, subtema que possuía certa hegemonia no campo historiográfico que discute as sexo dissidências. Nesse sentido, historiadores como Miguel Rodrigues de Sousa Netto (2011), Fábio Henrique Lopes (2016), Elias Veras (2017) apontaram como as representações acerca da homoerótica e das transexualidades são profundamente relacionadas com normas de uma matriz heterocentrada, na qual a heterossexualidade é:

[...] uma instituição política com todas as variáveis que isso implica, na importância social, na estrutura de empregos, na divisão do trabalho e sua remuneração no sistema produtivo geral, nas esferas administrativas das empresas públicas e privadas, no governo e nas relações sociais de modo geral, em que o masculino é mais valorizado que o feminino (SWAIN, 2010, p.48)

Ao reconhecerem a existência dessa norma, que de fato sistematiza a organização política, econômica, cultural e subjetiva, os historiadores já mencionados têm aos poucos desvelado e interpretado como de fato a heteronormatividade afeta diretamente a produção das identidades que a tomam como natural. Assim como também, aquelas que não a reconhecem, não como ponto referencial, isto é, as chamadas identidades dissidentes.

Promover o deslocamento das estruturas de um discurso histórico, masculino e heterossexual, torna-se um lugar político e científico preciso, caso queiramos de fato compreender os processos normativos que se inscrevem nos corpos sexuados. Algumas experiências já têm sido desenvolvidas e ampliadas no Brasil. Os questionamentos sobre a hierarquização das homossexualidades, o regime de visibilidade entre pessoas LGBTI+ na história e, ainda, os aspectos que envolvem a formação das masculinidades e feminilidades e seus efeitos nos corpos sexuados (NETO; GOMES, 2018).

Por último, quanto aos temas, torna-se necessário também aprofundarmos o olhar sobre as trajetórias da segunda metade da década de 80 e início dos anos 90. A epidemia do vírus HIV ressalta aspectos importantes sobre o processo de inscrição da sexualidade nos corpos, e de alguma forma, pode ter sido fundamental na rearticulação das homossexualidades, bem como

transexualidades²⁸ e travestilidades²⁹. A nebulosidade historiográfica sobre o período deve ser enfrentada para que consigamos repensar os efeitos de uma nova demarcação para as sexualidades do século XXI.

Conclusão

Até aqui, vimos que a História das Homossexualidades Masculinas no Brasil tem seu marco inicial nos anos 90, incorporando novas abordagens, metodologias e conceitos provenientes da renovação historiográfica e também das ciências sociais. A incorporação de um diálogo da categoria gênero e também dos estudos *queer* têm possibilitado um regurgitar de identidades, subjetividades, existências e resistências, até então seletivamente excluídas pela longa secularização da História da Heterossexualidade Global, popularmente descrita como História ou História tradicional.

Se anteriormente o lugar da história era bem definido pela relação dos homens, e somente alguns, com a propriedade, cultura e economia, as décadas de 1970-1980, tornava-se impossível manter essas relações teóricas e práticas, uma vez que emergia a necessidade de falar sobre as homossexualidades, o gueto e as produções de uma dita "subcultura". Naquele período, os trabalhos que fundaram o campo debruçavam-se sobre uma história da repressão estatal e das instituições, das sociabilidades e das resistências coletivas; e pouco diziam sobre as angústias, a intimidade e as micro-relações de poder dentro do próprio gueto³⁰ homossexual.

O desenvolvimento lento e gradual de uma perspectiva sobre o gênero e a sexualidade, fundamentada nas ideias feministas e no gênero como categoria útil de análise³¹, possibilitou a fixação de uma história que, mesmo de forma marginal, incluísse a homossexualidade como um problema histórico do passado, presente e futuro.

²⁸ Fabio Henrique Lopes nos últimos anos tem discutido o corpo trans e os processos históricos de violência e resistências através dos discursos políticos. Além de analisar a dialogia destas relações o historiador também tem refletido sobre as especificidades metodológicas ao tratar de sujeitas e sujeitos historicamente não autorizados a enunciação e ao uso da voz histórica. Ver: LOPES, Fábio Henrique. Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes. *Transversos*, v.5, n5, p.8-22, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/19793/14347>. Acesso em 5 dez. 2019.

²⁹ Os trabalhos de Elias Ferreira Veras têm propiciado estabelecer uma análise sobre a emergência das travestis através da discussão de Preciado (2018) sobre o tempo farmacopornográfico incorporando ainda outras espacialidades que não se limitam ao sudeste do país. Ver: VERAS, Elias Ferreira. Travestis: carne, tinta e papel. Curitiba: *Prismas*, 2017; VERAS, Elias Ferreira; GUASCH, Osca. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). *Histórias, histórias*, v.1, n.5, p.39-51. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10829>. Acesso em 2 ago. 2019.

³⁰ Compreendemos aqui, o gueto como espaços de sociabilidade gay criados como espaço de trocas culturais, práticas sexuais e interações que fomentaram produções de cultura específicas deste grupo social.

³¹ Ver: Joan Scott 1995.

Como legado desses trabalhos, hoje, estamos invertendo a lógica sobre quem pode falar sobre a homossexualidade e onde ela pode ser discutida. Em nosso processo de redemocratização e da abertura da universidade aos setores marginais, bichas, travestis, transexuais e mulheres têm resgatado os silêncios e os vícios de uma produção que olha para algumas homossexualidades como um sujeito exótico, passível a contemplação.

Como proposta, esperamos, a partir deste debate, construir uma análise sobre a História das Homossexualidades Masculinas no Brasil, a partir de uma perspectiva *queer*³², no que tange o desnudamento das relações de poder; crítica aos dispositivos de produção de abjeção, estigmatização e exclusão. Desconstrução, deslocamento e reconfiguração (ELIAS; PEDRO, 2014). A partir do legado feminista e de certa produção sobre as masculinidades, torna-se viável e importante elencar a questão do sexo e da sexualidade como frutos de um processo também de cultura.

Essa discussão é apenas um exercício teórico para trazer de volta os sujeitos que foram marginalizados no tempo-espaço, e que agora estão capitaneados em forma de pequenas fissuras nas teorias e práticas. É chegado o momento de emergir contra os lugares comuns que têm retomado as rédeas da produção do conhecimento histórico. Para estabelecer uma empreitada como essa, alguns desafios parecem novamente se colocarem para as historiadoras e historiadores das homossexualidades masculinas.

Compreender as homossexualidades, em tempos como os nossos, exige-nos reconhecer as existências das clivagens no processo de inscrição das subjetividades e da identidade. A classe, a raça, o elemento geracional, a regionalidade ou o espaço surgem como elementos fundamentais³³ para revistarmos, por exemplo, as produções sobre o Lampião da Esquina, além de impulsionar, por exemplo, análises sobre as diferenças históricas, que na década de 90, vivenciaram, os diferentes homossexuais, sob o contexto da epidemia do HIV.

É chegado o momento de Clio libertar-se de narrativas coloniais³⁴ e eurocêntricas que não dialogam com as adversidades das nossas condições sociais. É chegado o momento de uma História

³² O problema que pensamos estar em evidência sobre a teoria queer é o lugar de guetização das discussões sobre os sujeitos abjetos. É preciso compreender a teoria como uma possibilidade de discussão teórica, mas não de uma política social que dê conta de reorientar os desejos e os temores de quem parece ter sido transportado de um não lugar para um lugar delimitado.

³³ Estamos aqui delimitando esses elementos como componentes fundamentais daquilo que autoras como Grada Kilomba (2019), Kimberle Crenshaw (2002) delimitaram como interseccionalidade – este lugar onde as diferenças sociais e históricas são produzidas.

³⁴ Aqui estamos dimensionando os desafios que nos últimos anos os estudos Pós-Coloniais, Decoloniais e Afrodiaspóricos tem nos colocado. Em específico pensando o gênero e as sexualidades temos as novas propostas do grupo Queer of Color Critique (QoC) e o Queer Marxismo. Para ver mais sobre o grupo QoC ver: REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Decolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o sul. Cadernos Pagu, Campinas, v.53, p.1-38, p.2018.

da Homossexualidade brasileira e latino-americana, capaz de transpassar o seu legado grego e reconfigurar o seu local de produção, a partir de um sentimento latino-americano. Já não basta mais chamarmos a nossa musa da história de Clio. Já não bastam mais os silenciamentos vazios e as narrativas teóricas reformadoras. É preciso emergir.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Jane. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALVES, Maria de Fátima Paz. Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens. **Revista Ártemis**, nº.3 – dez. 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2206/1945> . Acesso em 10 jul. 2019.

ALVES, Carlos Jordan Lapa. **A homossexualidade nas páginas do Lampião da Esquina**. Pergaminho, n.6 39-47, dez. 2015.

AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino a construção social da diferença**, Lisboa: Edições Afrontamento, 1998.

ANDRADE, Marciano Vieira de. **O "orgulho de ser": identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

ARIAS NETO, José Miguel; PESSOA DO AMARAL, Muriel Emídio. **Homossexualidades de papel: cenas da imprensa homoerótica no Brasil (1963-2015)**. Cuadernos.inf., Santiago, n. 39, p. 101-112, dic. 2016. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0719-367X2016000200007&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 2 jul. 2019.

BASSANEZI, Carla Beazzo. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **As Masculinidades em Questão: Uma Perspectiva de Construção Teórica**. Revista Vernáculo, n. 19 e 20, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20548/13731>. Acesso 2 jul. 2019.

BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa e. **O Lampião da Esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530015.pdf>. Acesso 2 jan. 2019. E para o Queer Marxismo ver: REBUCINI, Giafranco. Marxismo queer: abordagens materialistas das identidades sexuais. *Crítica Marxista*, n.48, p.109-125, 2019. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2019_11_18_16_03_21.pdf. Acesso em 2 dez. 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989):** a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. Tradução Nilo Odalia.

BUTLER, J. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTTURI JUNIOR, Atilio. **O discurso homoerótico na imprensa alternativa da década de setenta:** uma análise do "lâmpião da esquina". Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 95-106, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2012v9n2p95>. Acesso em 14 ago. 2019.

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?:** Sobre quando o Lâmpião da Esquina colocou as Cartas na Mesa. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

COELHO, Vinicius. **Lâmpião da Esquina:** Porta voz dos homossexuais (1978-1981). Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

CONNELL, Robert. MESSERSCHMIDT, James. W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Revista Estudos Feministas, 2013, 21 (1): 241-282. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014. Acesso em 2 de jun. 2019.

COWAN, Benjamin. **Homossexualidade, ideologia e "subversão" no regime militar.** In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Org). Ditadura e Homossexualidades. São Carlos: Ufscar, 2018, p.27-52

_____. **A passive homosexual element: digitized and policing of homosex in Cold War Brasil.** *Radical History Reviews*, v.4, n.120, p.183-203, 2014. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/radical-history-review/article-abstract/2014/120/183/73322/A-Passive-Homosexual-Element-Digitized-Archives>. Acesso em 12 dez. 2019.

_____. **Why hasn't this teacher been shot? Moral-sexual panic, the repressive right, and Brazil's National Security State.** *Hispanic American Historical Review*, v.92, n.3, p.403-436, 2012. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article-abstract/92/3/403/10682/Why-Hasn-t-This-Teacher-Been-Shot-Moral-Sexual?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em 10 dez. 2019.

CRENSHAW, Kiberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Estudos Feministas, v.10, n.1, p.171-188, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-026X2002000100011&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 2 out. 2019.

CURADO, Jacy Corrêa. **Sexualidade.** IN: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI. Losandro Antônio. (Org.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Dourados: Ed. UFGD, 2015.

ENGEL, Magali. **História e Sexualidade**. In: FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERREIRA, Carlos. **Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina**. *Revista Alterjor*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-13, sep. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88195>. Acesso em 10 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Feminismo em Tempos Pós-modernos**. 1994.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Garamond Editora. 2004.

GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico**. *Ciência e Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p. 47-57, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232005000100011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso 15 mar. 2019.

GIMENEZ, Mariana Quadros. **Saindo do armário: porque é tempo de abertura: memória, identidades e representações por meio do Lampião da Esquina**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Grande Dourados, Grande Dourados, 2015.

GREEN, James. **Além do Carnaval: a homossexualidade no Brasil do século XX**. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP. 2000.

_____; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão resistência e a busca da verdade**. São Carlos; Editora da UFSCar, 2014.

_____; POLITO, Ronald. **Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

_____; TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. 1998, pp. 1-14. Disponível em: http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNT/upload/PDF3/01935_identidad_e_genero_revisado.pdf. Acesso em 10 mar. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.14, n.1, p.43-59, Jan./Abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2006000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 4 mar. 2019.

JÚNIOR, Paulo Roberto Souto Maior. **Assumir-se ou não assumir-se?** O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KIMEL, M. S. **Homofobia, temor, verguenza y silencio em la identidad masculina.** In: In: VALDEZ. Tereza & OLAVARRIA, Jose. (org) Masculinidad/es, poder e crisis. Chile, Isis Internacional, 1997, pp.49-52.

LOPES, Fábio Henrique. **Travestilidades e ditadura civil-militar brasileira:** apontamentos de uma pesquisa. Revista Esboços, Florianópolis, v.23, n.35, p.145-167. 2016. Disponível 2 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p145>. Acesso em 2 mar. 2019.

_____. **Corpos trans! Visibilidade das violências e das mortes.** Transversos, v.5, n5, p.8-22, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/19793/14347>. Acesso em 5 dez. 2019.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina:** homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **O Lampião da Esquina:** Homossexualidade e Religião na Imprensa Gay no Brasil (1978-1981). Paralellus, v. 4, p. 323-334, 2013. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/261>. Acesso em 2 jul. 2019.

MOSQUEIRA, Debora S. B. **Acorda Maria Bonita:** representações femininas nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981). Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

MOTT, Luiz. **Bahia:** Inquisição e sociedade. Salvador: EDUFBA, 2010.

OLIVEIRA SILVA, Daniel Henrique de. **Lampião da Esquina:** lutas feministas nas páginas do “jornal gay”, luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-macho”, “travesti” ou “bincha pintosa”?** – a produção discursiva sobre as representações homoeróticas no jornal Lampião da Esquina (1978-1981). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Manifesto Contrassexual.** São Paulo: n-1 edições, 2014.

RABELO, Amanda Oliveira. **Contribuições dos estudos de gênero às investigações que enfocam a masculinidade.** *Ex aequo*, n.21, p. 161-176, 2010. Disponível em; <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n21/n21a12.pdf>. Acesso em 2 mar. 2019.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Decolonizar a sexualidade:** Teoria Queer of Colour e trânsitos para o sul. *Cadernos Pagu*, Campinas, v.53, p.1-38, p.2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530015.pdf>. Acesso 2 jan. 2019.

REBUCINI, Giafranco. **Marxismo queer:** abordagens materialistas das identidades sexuais. *Crítica Marxista*, n.48, p.109-125, 2019. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2019_11_18_16_03_21.pdf. Acesso em 2 dez. 2019.

RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo.** 1ª Ed. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 2 mar. 2019.

SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. **Sexualidade homossexual no jornal Lâmpião da Esquina.** *Transversos*. Rio de Janeiro, n.14, p.165-186, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39336>. Acesso em: 2 dez. 2019.

SWAIN, Tânia Navarro. **Desfazendo o "natural":** a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. *Bagoas*, Natal, n.05, p.44-55, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2310>. Acesso em 2 dez. 2019.

NETTO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. **História e Teoria Queer.** Ed: Devires: Campo Grande, 2018.

NETTO, Miguel Rodrigues de Sousa. **Homoerotismo no Brasil Contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos.** Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PEDRO, Joana Maria. **Historicizando o Gênero.** In: BEZERRA, Holien G.; FERREIRA, Antônio C.; LUCA, Tania R. *O historiador e seu tempo: encontros com a história.* São Paulo, Editora UNESP: ANPUH, 2008.

PINTO, Rhanielly Pereira do Nascimento. **Estourando a bolha:** o cotidiano LGBT entre identidades, violências e resistências no jornal o Lâmpião da Esquina 1978-1981. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Catalão. 2018.

PINTO, Rhanielly Pereira do; FREITAS, Eliane Martins de. **Ressignificando a homossexualidade: o jornal Lâmpião da Esquina e a Ditadura civil militar.** *EMBLEMAS*, v. 14, p. 23-63, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/46889>. Acesso em 2 mar. 2019.

SCHULTZ, Leonardo; BARROS, Patrícia. M. **O Lampião da Esquina:** discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970. *Revista de Estudos da Comunicação* (Impresso), v. 15, p. 49-63, 2014.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Porto Alegre: *Educação e Realidade*, 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em 2 mar. 2019.

SILVA, Natanael de Freitas; RUBIO, Natam Felipe de Assis. **Sexualidade homossexual no jornal Lampião da Esquina.** *Transversos*. Rio de Janeiro, n.14, p.165-186, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/39336>. Acesso 2 mar. 2019.

SILVA, Natanael de Freitas. **Masculinidades hierarquizadas:** entre o 'gay macho' e a 'bicha louca', performances de gênero nos anos 1970. Contemporâneos, *Revista de Artes e Humanidades*, p.1-24, 2016. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n14/dossie/masculinidadeshierarquizadas.pdf>. Acesso em 2 mar. 2019.

SILVA, Claudio Roberto da. **Reinventando o sonho:** história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

VERAS, Elias Ferreira; PEDRO, Joana Maria. **Os silêncios de Clio:** escrita da história e (in)visibilidade das homossexualidades no Brasil. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.6, n.13, p.90-109, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306132014090>. Acesso em 2 jan. 2019.

_____. **Travestis:** carne, tinta e papel. Curitiba: *Prismas*, 2017.

_____. GUASCH, Osca. **A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980).** *Histórias, histórias*, v.1, n.5, p.39-51. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/10829>. Acesso em 2 ago. 2019.

ZANATTA, Elaine Marques. **Documento e identidade:** o movimento homossexual no Brasil na década de 80. *Cadernos AEL*, v.3, n. 5, p.193-220, 1996. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2458>. Acesso em 19 ago. 2019.

RECEBIDO: 29/08/2019
APROVADO: 30/10/2019